

Introdução

Esta pesquisa analisa a relação de fé e política no pensamento do teólogo e filósofo dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855), tomando como base a sua obra ético-religiosa *Temor e Tremor*. A fé e a política foram temas tratados por Kierkegaard e outros pensadores do século XIX, principalmente por causa da união de Igreja e Estado que constituía na visão de Kierkegaard uma traição ao verdadeiro cristianismo. Por isso, sua crítica à cristandade de seu tempo assumia um duplo movimento de ataque, uma vez que ela atingia a Igreja e o Estado. Assim, sua crítica trazia e traz inevitavelmente à luz a questão de fé e política para uma profunda reflexão cristã.

Desse modo a presente dissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo o autor faz uma contextualização histórica do protestantismo do século XIX e aborda a crítica severa que Kierkegaard faz a Igreja de Estado, pois segundo ele, ela não representava o Reino de Deus, mas o Reino do Mundo; depois apresenta a crítica de Kierkegaard à teologia especulativa, o autor termina tratando de “Kierkegaard e a hermenêutica luterana do cristianismo”. No segundo capítulo o autor trata do conceito de religião cristã em Kierkegaard e tenta mostrar que é possível pensar em política no estágio ético, estágio este, superado por Abraão no “salto de fé” para o estágio religioso. Segundo a leitura de *Temor e Tremor* a fé cristã está muito além do ético-político – socrático-hegeliano; e o cavaleiro da fé vai muito mais longe do que o herói trágico, modelo do ser humano ético. O terceiro e último capítulo, por fim, busca mostrar a possível, contudo, delicada relação entre fé e política no pensamento de Kierkegaard, que num *primeiro momento parece* recusar completamente a política. Mas o que ele defende radicalmente é que a fé deve governar a postura política do cristão. Porque antes do verdadeiro cristão ser político ele é uma existência “em virtude do absurdo”, na fé paradoxal *em* Cristo Jesus, *por* Jesus Cristo e *para* Jesus Cristo.

O mundo de hoje vive numa realidade em que fé e política têm se misturado cada vez mais. Não são novidades os muitos envolvimento da religião em questões políticas no Brasil e no mundo. Muitos religiosos em época de eleições e

em audiências públicas no Congresso Nacional vêm influenciando com a “moralidade cristã” decisões políticas importantes (aborto, casamento homoafetivo e pesquisa com células-tronco, por exemplo). Mas conforme afirma Pannenberg, “o individualismo de uma religião particular e a moralidade cristã autoritária tradicional, consciente ou inconscientemente, claramente perceptíveis ajudam a manter as estruturas existentes de domínio”.¹ Por isso, essa pesquisa trabalha as relações entre fé e política a partir do pensamento teológico de Soren Aabye Kierkegaard, chegando a compreender que há no seu juízo teológico a possibilidade de uma “teologia política” à luz de sua obra *Temor e Tremor*, assim como em outras obras suas.

A partir da análise da obra *Temor e Tremor* é possível afirmar que a fé cristã não guarda nenhuma relação com o pertencimento a uma forma de cristandade (União de Igreja e Estado). Ser cristão, ou ter fé em Cristo, não está relacionado com o pertencimento cultural ou familiar, mas é um acontecimento provocado por uma experiência individual de fé com Cristo que faz o cristão. Sua fé não pode estar relacionada a um sistema político-religioso que determine quem é e quem não é um cristão. Logo, não é o papa, nem o rei, nem a rainha, nem o luteranismo, e muito menos o Estado, quem pode determinar quem é, e quem não é cristão, mas é o comprometimento existencialmente radical à vida de Cristo, por meio da fé, que fundamenta e determina uma verdadeira vida cristã.

A teologia de Kierkegaard em *Temor e Tremor* faz fortes críticas à visão ético-política de Hegel, que afirmava que a fé era apenas uma dimensão da razão, que o filósofo alemão a fez soberana. Assim, ser cristão (ter fé em Cristo) era apenas uma atitude ética, sem a noção da fé cristã como mistério de Deus com o ser humano. Por isso, para Kierkegaard, pertencer ao luteranismo dinamarquês era, erradamente, considerado suficiente para fazer de alguém um “autêntico” cristão. Entretanto, para ele, é a fé em Cristo que faz uma pessoa ser realmente cristã, não o simples pertencimento do cidadão ao rol da cristandade. Ao tratar de fé e realidade Pannenberg também defende que

a atividade política não pode, na verdade, substituir o sentido da realidade existente da fé e sua prática no cotidiano. Há um novo desejo entre os cristãos de fazer parte

¹ PANNENBERG, Wolfhart. *Fé e Realidade*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, p. 155.

crítica da vida política, mas isso pode muito bem ser destruído pela desilusão e frustração.²]

No entanto para tentar resolver esse impasse entre fé cristã e vida política Pannenberg diz algo muito importante:

a menos que uma séria consideração teológica seja dada à associação entre a fé cristã, ação política e os problemas que são por ela ocasionados. Não se deve permitir, portanto, que os *slogans* cristãos transformem-se, sob uma nova bandeira, em fachadas para pontos de vistas e posições que alcancem campos diferentes.³

Por isso, a investigação reflete também sobre os conflitos da religião com as novas demandas políticas da atualidade. Hoje existem igrejas e líderes interferindo diretamente não só na política, mas no próprio Estado laico. Quase sempre de forma negativa! Há questões políticas que dizem respeito a uma sociedade laica que não podem ficar reféns de posições dogmáticas. Pois um Estado democrático de direitos tem o dever de atender as demandas de todos os grupos que o constitui, garantindo a proteção dos grupos minoritários. Do contrário ele não estará cumprindo o seu real papel político-social de garantir direitos a todos os grupos sociais.

Por outro lado, uma vez que a religião faz parte da sociedade, a sua voz deve ser ouvida e ponderada quando defende a vida e os direitos humanos, principalmente num momento em que tudo é permitido em nome do individualismo. Aqui se encontra uma tensão difícil de ser resolvida entre fé (religião) e política, porque fica complicado saber até onde a religião pode interferir na política e até onde a política deve se envolver com a religião. No contexto brasileiro as interferências das igrejas (religião) sobre a política quase sempre diz respeito a questões dogmáticas da fé cristã (aborto, casamento homoafetivo etc.), não em questões sociais que melhorem efetivamente a qualidade de vida dos cidadãos, como saúde, educação de qualidade, segurança pública e ecologia, por exemplo.

Por isso, a relação de fé e política a partir do pensamento teológico cristão de Kierkegaard é uma excelente chave de leitura para a compreensão da realidade atual, conforme aponta esta dissertação. Portanto, este trabalho entende que Kierkegaard faz *teologia política* ao criticar a cristandade do seu país. Diante disso, a pesquisa mostra que Kierkegaard faz teologia política pela via da crítica radical

² PANNENBERG, Wolfhart. Fé e Realidade, p. 156.

³ Ibid.

da própria política que para ele é oposta à fé cristã, logo a vida política deve ser submetida à ética cristã.

Na sua obra *“Temor e Tremor”* Kierkegaard pensa a fé como superação do estágio ético-político (e também do estágio estético), e esses conceitos são trabalhados na sociedade do seu tempo em diálogo com a vida e a fé de Abraão; e a mensagem salvadora de Jesus Cristo. Por isso, este trabalho demonstra que o pensamento teológico de Kierkegaard sobre a fé cristã continua relevante ainda hoje para uma reflexão crítica e crística sobre a relevância de uma teologia política propositiva a partir da fé do reino de Deus.

Para tanto, este trabalho pensa as tensões existentes entre a ideia de fé e política no pensamento religioso e filosófico de Kierkegaard, presente principalmente em sua obra *Temor e Tremor*. A pesquisa aponta para o fato do pensamento teológico de Kierkegaard abrir espaço para a reflexão da fé na esfera política, sendo ambas de natureza distintas. A teologia política de Kierkegaard se encontra exatamente na sua luta em mostrar o que é o verdadeiro cristianismo e o que é a política da multidão que anula o indivíduo. Em sua obra *Temor e Tremor*, Kierkegaard pensa o estágio religioso como experiência de superação dos estágios estético e ético, tendo como exemplo a experiência religiosa de Abraão, o cavaleiro da fé; oposta a experiência ética dos heróis trágicos, sendo Sócrates o maior representante do estágio ético.

Assim este trabalho tenta responder na sua metodologia as seguintes questões: a) para Kierkegaard, como a Igreja dinamarquesa se comporta na esfera política ou pública e quais as implicações que isso traz para a compreensão do que é “ser cristão”?; b) Qual é o conceito de religião cristã e “ser cristão” para Kierkegaard? c) O que significa o estágio estético, o estágio ético (político) e o estágio religioso no pensamento desse autor?; d) Até que ponto a dimensão religiosa faz um juízo de valor e coloca em questão o ético, compreendido nesta pesquisa como o político?

Este trabalho segue respondendo essas questões para afirmar o seu desafio de pensar a “teologia política” a partir da obra kierkegaardiana, quando esta parece colocar em suspensão essa possibilidade dentro de uma verdadeira experiência de fé. Portanto, relacionar devidamente fé e política no pensamento teológico de Kierkegaard foi o grande desafio desse trabalho de pesquisa. Neste sentido, esse

trabalho pretende contribuir, a partir da teologia kierkegaardiana, para um debate sobre a importância do conceito cristão de fé e sua equilibrada relação com a política. Pois como diz, Karl Löwith, citado por Gimenes de Paula:

se considerarmos Kierkegaard não como uma ‘exceção’, mas como uma eminente manifestação da evolução histórica contemporânea, averiguamos que este ‘isolado’ não era de todo isolado, mas conectado a um vasto movimento de reação à situação de então.⁴

Por fim, percebe-se ao final da pesquisa que o aparente isolamento político de Kierkegaard é mais uma inteligente e irônica forma de fazer política afirmando a partir da negação da própria política. Isto porque para ele, o fundamento da verdadeira vida é somente a verdadeira fé cristã. Descrita em *Temor e Tremor* na fé de Abraão. Na sua teologia política, “Kierkegaard tratou da alienação do homem [do ser humano], mas não no mundo, antes na cristandade existente, que se misturou com o mundo e o Estado”.⁵ A partir da compreensão do pensamento teológico de Kierkegaard, que é uma defesa maravilhosa da fé cristã neotestamentária, é possível vislumbrar como tem de ser a relação de Estado e Igreja, e, religião e política nessa chamada Pós-Modernidade.

⁴ LOWITH, Karl. In PAULA, Marcio Gimenes de. *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 17.

⁵ LÖWITH, Karl. *De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 196.